

Diploma de Mérito Cultural³³

*Ricardo Guilherme*³⁴

Em nome de todos os agraciados pela Academia Cearense de Letras, na noite de hoje, a minha voz e tão-somente a minha voz não basta. Preciso, como é próprio aos atores, de outras vozes, vozes que se desprendam da minha garganta, transfiguradas na fala daqueles que represento: Gilmar de Carvalho, Gildácio Sá e Francisco Lima Freitas.

Como se eu fosse eles, falo, então, de tal forma que não me resta outro recurso senão a transgressão da gramática para afirmar: agora sou nós, agora somos eu, aqui eu estamos, aqui nós estou. E nos misturamos para agradecer a homenagem que nos presta este centenário centro agregador de intelectuais e literatos, mestres que fazem da palavra escrita a inventiva ditada pelo fomento da razão e pelo fermento da emoção.

É, possivelmente e em certa medida, a nossa relação com esse ofício de agricultores e agrimensores das palavras que nos aproxima como homenageados, já que cada um de nós tem em sua área específica de atuação um compromisso literário.

Gildácio Sá, com intervenções virtuais, imbrica história e informática, criando textos e telepresenças, possibilitando assim que os imortais tenham, pela experiência da virtualidade e da tecnogenética, seus duplos eletrônicos. Para personagens históricos cria um ciberespaço que possibilita aos saberes desta Academia o acesso à interconectividade, à interação infoviária. Com um clic, ele integra, pois, a literatura ao século em que vivemos no qual para além de um corpo que outro corpo visualiza e que performático se agita, há um corpo internético e informático que se digita e se materializa, impulsionando conexões.

Também – embora de outro modo – engendra conexões Francisco Lima Freitas, ao concretizar a idéia de uma Academia de Letras

33 Discurso pronunciado na Academia Cearense de Letras, na noite do dia 16 de agosto de 2011.

34 Jornalista e Teatrólogo.

dos Municípios do Estado do Ceará. Incorpora, com a criação da associação que lidera, diferenciados conhecimentos oriundos de povos que nos constituem. Propicia laços, parcerias, ações de cooperação que tecem uma espécie de teia, de mapeamento, de cartografia da nossa produção em livros. Esse ente gregário, sob a direção de Francisco Lima Freitas, nos dá a consciência de que, mesmo considerando as nossas diferentes e múltiplas expressões temáticas e de estilo, nós – escritores – formamos um só núcleo de gente que quando se junta e se pergunta faz o todo apontar as respostas.

Uma dessas respostas que gravitam em torno do que fomos, somos e queremos ser se encontra na obra desse outro escritor a quem a Academia nesta solenidade concede o Diploma do Mérito Cultural: Gilmar de Carvalho. Sua obra em teatro, romance, ensaios e artigos nos reconecta a nós mesmos enquanto povo cearense porque perscruta a construção e reconstrução de nossas identidades. Em sua voz ecoam vozes em metamorfose, vozes de três tempos em simbiose: o passado, o presente e o futuro. Eis a sua matéria-prima: o tempo-trio que passa e que a um só tempo nos perpassa. Mesmo quando discorre sobre uma determinada época, seu olhar tem todos os tempos o tempo todo, por ser transversal em relação à história, o que o faz reprocessar e atualizar o mito da chamada cearensidade.

Quanto a mim, nessas quatro décadas em que trabalho com jornalismo, televisão, memória, literatura e teatro, igualmente interessa a busca pela tridimensionalidade de tempo e espaço porque entendo que um artista precisa tentar estar simultaneamente em três lugares: atrás, ao lado e à frente de mentalidades e temporalidades. Estar atrás no sentido de manter-se sensível às tradições populares, de conhecer a antropologia cultural do seu povo. Estar ao lado para tornar-se antenado com a atualidade e poder, então, se fazer compreender por esse mesmo povo. E estar à frente, com o intuito de apresentar alternativas críticas à realidade.

Uma das funções do artista é tornar estranho o que parece natural aos olhos de seus contemporâneos. Para isso, cabe a ele questionar

sobretudo a si mesmo e inclusive a sua própria linguagem. É, portanto, sob o parâmetro desse entendimento que firmamos o compromisso de procurar transcender as compreensões que temos acerca de nossos desempenhos. Afinal, todo artista tem por vocação a inquietude e inventa e se reinventa em sua arte para aventar a hipótese e a utopia, abrindo trilhas para que o novo aconteça.

O novo, no entanto, só se evidencia e se dispõe a acontecer quando encarnamos as palavras transversalidade, transhistoricidade e transculturalidade que sintetizam não apenas os homenageados que ora represento mas também a instituição que os homenageia. Obrigado.